

## MULHERES E LUGARES DE FALA: um percurso pelas entrevistas cartográficas na Fronteira Brasil-Uruguay

*Luana Pavan Detoni<sup>1</sup>  
Lorena Maia Resende<sup>2</sup>*

### Resumo

Pesquisar a fronteira entre Brasil e Uruguay, a partir da temática mulheres e lugares de fala, coloca em questionamento o que, como e também quem produz o conhecimento sobre esse território na contemporaneidade. Este ensaio tem como objetivo percorrer a experiência das entrevistas de manejo cartográfico realizadas durante uma viagem contínua pela fronteira. As pistas, que essas entrevistas se dispõem a apreender, aproximam teorias da filosofia, da arquitetura e do urbanismo, juntamente com o método da cartografia e também da técnica da collage, da compreensão do que é lugar de fala e desse corpo-mulher-pesquisadora. Corpo evidenciado em duas narrativas principais: a entrevista agendada e ao acaso. As contribuições decorrem de um processo que procura ser ético e estético, pois desvia de uma perspectiva individual e temporária de um pesquisador estrangeiro, através da captura das vozes fronteiriças, ou seja, da experiência de quem vive e compõem esse lugar do entre. Palavras-Chave: mulheres, lugares de fala, entrevista cartográfica.

## SPEAKING WOMEN AND PLACES: a journey through cartographic interviews at the Brazil-Uruguay border

### Abstract

Searching the border between Brazil and Uruguay, based on the theme of women and places of speech, questions what, how and also who produces knowledge about this territory in the contemporary world. This essay is intended to cover the experience of cartographic management interviews conducted during a continuous journey across the border. The clues that these interviews are prepared to grasp, approach theories of philosophy, architecture and urbanism, along with the method of cartography and also the technique of collage, the understanding of what is a place of speech, and that body-woman-researcher. Body evidenced in two main narratives: the scheduled and random interview. The contributions come from a process that seeks to be ethical and aesthetic, since it diverts from an individual and temporary perspective of a foreign researcher, through the capture of the border voices, that is, of the experience of those who live and make up this place from the inside.

Keywords: women, places of speech, cartographic interview.

<sup>1</sup> Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU). Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2014). E-mail: luana-detoni@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU). Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2016). E-mail: lo-renamiltao@gmail.com.

### Introdução

A temática “mulheres e lugares urbanos” instiga e possibilita as pesquisadoras a revisitarem a experiência da viagem pelas cidades-gêmeas da fronteira Brasil e Uruguay, sob esta perspectiva. A intenção de trazer o corpo do viajante-pesquisador na construção do saber científico, mesmo que este sempre esteja intrínseco ao intelecto, tem sido uma grande potência na prática da cartografia urbana, metodologia do projeto de pesquisa “Travessias na linha de Fronteira Brasil-Uruguay: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”<sup>3</sup>, coordenado pelo Laboratório de Urbanismo (Laburb) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Faurb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Parte desse projeto, o procedimento das entrevistas de manejo cartográfico, foi realizado em agosto de 2018, especialmente por quatro pesquisadores, no qual duas integrantes dessa equipe propõem esta escrita, a fim de evidenciar as suas vivências enquanto mulheres nesse processo. E, também, propõem a reflexão sobre outros lugares de fala, que neste ensaio reconhece as vozes de diferentes mulheres que compuseram as entrevistas cartográficas desta fronteira.

Compreender um território de fronteira internacional sempre foi um desafio, tanto pela multiplicidade dos eventos, como pela falta de informações específicas sobre essas cidades-gêmeas que vivem à margem. As pesquisas que buscam compreender este universo dual, na maioria das vezes, aproximam de métodos tradicionais e condicionam afirmações homogêneas e hegemônicas de toda extensão territorial fronteiriça. De certa maneira, o projeto de pesquisa Travessias se constrói dentro dessa inquietação de um discurso universal sobre a Fronteira Brasil-Uruguay, com o intuito de desmistificar, ou não, esse panorama. Para tal, foi preciso romper com algumas estruturas e propor uma nova forma de apreensão do espaço, mais de perto e de dentro, atenta às transformações contemporâneas.

Em um processo imersivo de (re)conhecer o território de fronteira, apoiado pela teoria da pedagogia da viagem, os pesquisadores realizaram uma viagem contínua de 10 dias percorrendo as 6 cidades-gêmeas (Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, Quaraí-Artigas, Barra do Quaraí-Bella Unión). E, uma das ferramentas metodológicas experienciadas foi a entrevista de manejo cartográfico, ancorada pela cartografia urbana, que se propôs a ouvir e registrar as vozes da fronteira. Buscamos tanto vozes de moradores e estrangeiros, como de representantes do poder público, na expectativa de abarcar as diferentes perspectivas que esta fronteira acolhe em um discurso mais potente e honesto da realidade cotidiana destas cidades.

Ao retornar da viagem com o pensamento inquieto, percebemos a rede de conexões e agenciamentos possíveis. Observamos que a maior parte das entrevistas agendadas, com pessoas de referência, foram feitas com homens brancos e, as entrevistas ao acaso, grande parte com mulheres. A experiência em cada entrevista deixou algumas marcas, que agora são lidas e interpretadas de distintas maneiras. Buscamos descrever neste ensaio nossas experiências em algumas das entrevistas mais impactantes, de como nosso corpo-mulher interagiu com discursos pacíficos e outros conflitantes. E, das pistas que esses discursos carregados de poder e desejo nos oferecem na percepção da complexidade fronteiriça.

O ensaio inicia pela contextualização e compreensão do procedimento metodológico da entrevista de manejo cartográfico, as fases e instrumentos utilizados. Posteriormente, em uma escrita cartográfica e rizomática, a descrição da experiência de algumas entrevistas agendadas e outras ao acaso. Por fim, algumas considerações iniciais e propositivas que alcançamos do agenciamento entre a experiência da entrevista e os

lugares de fala conscientes da realidade social, política, de gênero e racial.

### Entrevistas de manejo cartográfico

A utilização de entrevistas em pesquisas científicas não é uma ferramenta inovadora, em diversas áreas do conhecimento se apresenta como um instrumento importante para compreensão de determinada dúvida ou questão do pesquisador. Seja em metodologias quantitativas (na maioria das vezes através de questionários com respostas objetivas) ou qualitativas (roteiro de perguntas mais abrangentes), a entrevista consegue absorver informações mais próximas do contexto real e atual do que se pretende investigar. No entanto, independente da área de pesquisa, há sempre uma metodologia que direciona a maneira de investigar e analisar os dados, tendo como suporte os diversos procedimentos metodológicos, sendo um deles a entrevista. Por esse motivo, o procedimento da entrevista pode ganhar diferentes formas de interpretação e análise mediante a metodologia a que se apoia.

No caso da experiência das entrevistas na fronteira, que faz parte do projeto de pesquisa, que estuda as cidades-gêmeas da linha de Fronteira Brasil-Uruguay, a cartografia urbana é a metodologia que permeia e direciona o modo de investigação. Etimologicamente a palavra cartografia quer dizer carta ou mapa escrito, muito interligada ao campo da geografia e história, aludindo a confecção de mapas que representam um território, espaço, lugar, ou seja, uma ferramenta de comunicação. Porém, a palavra cartografia ganha outro sentido quando, na década de 1960, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari em seus estudos sobre a esquizoanálise, questionam a forma de apreensão dos acontecimentos em constante mutação, de como expressar sobre o sujeito, a subjetividade e os modos de subjetivação. Assim, mediante a uma necessidade, a cartografia se torna uma prática do conhecimento para os filósofos, que por sua vez abre precedentes para outros pesquisadores a operarem como um método de pesquisa.

No Brasil, somente em 2005, com a publicação do livro “Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, organizado por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia, que a cartografia se oficializa no meio acadêmico como uma metodologia de pesquisa. Mais tarde, em 2014, lançaram o segundo volume “Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum” que além de complementar mais pistas sobre o método destacou a importância da análise cartográfica, desmistificando ser somente um procedimento de coleta. O método da cartografia vem ganhando espaço, principalmente, nas áreas de ciências humanas, sociais e sociais aplicadas.

A cartografia como método se preocupa mais com o processo investigativo no decorrer da pesquisa do que propriamente com os resultados alcançados. Diferente de outros métodos em que os objetivos e hipóteses são bem definidos, a cartografia nasce de uma inquietação, mas sem ter intenções, respostas já pré-definidas ou limitantes. Um método flexível e aberto ao inusitado, que acolhe os múltiplos eventos como parte do processo. É no percurso inesperado que se traça o caminho, sem pressa, mas atento a tudo que afecta e potencializa as travessias.

Devido a flexibilidade e receptividade do método, a cartografia ganha outros nomes complementares para aproximar do seu pesquisador e objeto de estudo. Por exemplo, a cartografia social, como o mapeamento comunitário de Juan Manuel Diez Tetamanti (2018); a cartografia do desejo, que acolhe as subjetividades micropolíticas, por Suely Rolnik e Félix Guattari (2000); a cartografia da filosofia, que não é considerada como um método, mas a partir do proposto por Deleuze e Guattari (1995) pode ser entendida

como um processo de produção da subjetividade que rompe com as representações, como na obra “Isso não é um cachimbo” de Foucault (2014); a cartografia sentimental, vista por Suely Rolnik (2006), que captura a sensibilidade do cartógrafo ‘antropófago’; dentre outras. Influenciada por todas estas adjetivações cartográficas, afirmamos a cartografia urbana, a partir da abordagem de Eduardo Rocha (2016), como o corpo que inscreve as invisibilidades da cidade, configura um método possível dentro o conhecimento dos arquitetos e urbanistas e de áreas afins, que pesquisam na linha do Urbanismo Contemporâneo, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

No projeto de pesquisa, a cartografia urbana se apresenta como um método dinâmico e de múltiplas conexões, dobras e (re)dobras que acompanha a heterogeneidade e complexidade, tanto dos espaços públicos das cidades de fronteira, como das inúmeras travessias que o corpo-pesquisador se propõe. E, amparando esta metodologia, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: a pedagogia da viagem; a autofotografia; o mapeamento cartográfico; e, por fim, a entrevista de manejo cartográfico. Procedimentos que se complementam e auxiliam na escrita e inscrição rizomática dos acontecimentos de uma experiência corpórea e subjetiva pela fronteira. Uma viagem contínua, durante 10 dias, pelas seis cidades-gêmeas da fronteira Brasil-Uruguay possibilitou o registro sensível das cenas urbanas, através da lente de câmeras, do traço de croquis sobre o mapa aéreo das cidades e das vozes dos moradores que vivenciam diariamente esse lugar do(s) entre(s).

Após este pequeno panorama sobre o método chegamos ao objetivo e dedicação a que este ensaio se propõe: a entrevista de manejo cartográfico. A sugestão para esta adjetivação da entrevista está no capítulo escrito por Silvia Tedesco, Christian Sade e Luciana Caliman, no qual explicam que “não existe entrevista cartográfica, mas manejo cartográfico de entrevista” (2014, p. 93). Os autores refletem que esta entrevista vai além do ato de elaborar perguntas e ouvir respostas, pois atenta a todo o processo. A etapa prática, da experiência do corpo de falar-ouvir e do contato com o outro, e também da etapa de análise da experiência, dos gestos, do lugar/ambiência da entrevista, do contexto pessoal, considerando sempre como e do que se fala.

O interesse da cartografia urbana está em pesquisar a experiência, os processos e as dinâmicas dos encontros e atravessamentos. Sendo assim, a entrevista é um instrumento útil para capturar a essência dos acontecimentos. Desde a acolhida do entrevistado, até o compartilhamento de experiências de vida, conteúdo e expressões na fala. Os autores se aproximam de três pistas principais que fazem parte da entrevista. A primeira diz respeito a cartografia como um modo de acompanhar os processos, isto é, estar atento não só as questões e respostas, mas a todo o desenvolvimento do diálogo, acompanhando os momentos de pausa, ênfase ou velocidade na fala. A segunda pista relaciona a entrevista como uma pesquisa-intervenção, que observa os gestos e expressões na comunicação que, por sua vez, intervém na dinâmica do método, podendo transformar, levar o diálogo para outro plano. A terceira, e última pista, correlaciona-se as forças coletivas que motivam a experiência, a relação entre pesquisador, entrevistado, questões e problemas estão envoltos de forças coletivas que interagem e proporcionam a experiência, alcançando o objetivo da captura dos acontecimentos. No entanto, os autores compartilham alguns direcionamentos, são indicações de pistas, que podem ser seguidas ou não, depende do caráter de cada entrevista e como se sucedem (TEDESCO; SADE e CALIMAN, 2014).

Na entrevista de manejo cartográfico observa-se tanto os tipos de experiência na fala, como o uso da linguagem do que se fala. Encontra-se a experiência vivida e a experiência ontológica ou pré-refletida. A primeira se refere de fato as vivências, recordações, emoções, motivações do entrevistado. A segunda está ligada ao plano

comum, a certas representações, estereótipos padrões da sociedade que são somente proferidos sem ter nenhuma relação emotiva. Quanto a linguagem existe as formas de expressão – sintaxe e signos linguísticos utilizados – e de conteúdo – realidade exterior ligada a experiência. A questão linguística torna-se nítida quando em uma transcrição são suprimidas gírias, vícios de linguagem, pausas, repetições somente por uma questão normativa da língua, priorizando o conteúdo da fala e perdendo a riqueza de como se fala. A entrevista de manejo cartográfico se propõe a unir os tipos de experiência e linguagem que na prática são indissociáveis, mas que na forma de representação podam estes elementos envoltos de forças coletivas e provedores de outras pistas (TEDESCO; SADE e CALIMAN, 2014).

Uma outra questão importante em uma entrevista de manejo cartográfico está na formulação de perguntas mais abrangentes, que podem acolher pensamentos que o entrevistador não conhece, indo na contramão de palavras de ordem ou que limitam muito o campo das respostas. Evitar perguntas muito diretas como “o que é?”, “concorda, ou não?”, e dar preferência às perguntas abertas, que vão em busca da experiência para formular mais possibilidades de respostas, através do questionamento do “como?”, que também dá ênfase a certa processualidade. A entrevista proposta não está atrás da informação, está em busca da experiência que leva muito mais além do que informações. E, quando o entrevistador precisa intervir, seja para enaltecer a experiência ou retomar algum ponto, é preciso prudência para não inferir nenhum conteúdo de indução a resposta, somente guiar o trajeto do pensamento.

A entrevista se aproxima de uma conversa, ambiência que acolhe a fluidez do assunto, conectado por diferentes forças e atravessamentos que dão forma ao pensamento. Inicialmente, há uma pergunta como forma de iniciar o processo, mas que pode tomar direcionamentos diversos. Assim como, a escolha de ser uma entrevista individual ou em grupo, depende muito do momento e da situação em que o entrevistado se apresenta, mas as vozes coletivas são muito potentes, pois correlacionadas entre elas podem atingir outros lugares.

Neste projeto de pesquisa, ficou estabelecido que as entrevistas aconteceriam em duas linhas de abordagem. Uma das entrevistas pré-agendadas com gestores (prefeitos, vereadores, secretários) como técnicos (arquitetos, engenheiros) ou pesquisadores (professores, historiadores) que de certa forma são responsáveis e conhecem as transformações das cidades-gêmeas e; a outra das entrevistas que seriam ao acaso, dada pelo encontro do pesquisador com as pessoas que estivessem preferencialmente no espaço públicos destas cidades, fossem elas moradores ou turistas.

A entrevista de manejo cartográfico pode ser dividida em três grandes fases: o preparo, a experiência e a análise. A fase inicial consistiu na formulação de um roteiro de perguntas “gatilho” que pudessem orientar o entrevistado para o assunto chave da pesquisa: analisar e reconhecer as diferentes vozes que ocupam o espaço público na linha de fronteira Brasil-Uruguay. As perguntas foram divididas em três eixos temáticos: (1) sobre a fronteira Brasil-Uruguay; (2) sobre o espaço/lugar público da fronteira; e (3) direcionado para as autoridades, técnicos e pesquisadores se detêm ao conhecimento político das questões de fronteira. Em um segundo momento foi realizado o agendamento prévio de algumas entrevistas com gestores e técnicos que trabalham nestas cidades, escolhidos principalmente pela atuação em cargos públicos, além, também, de pessoas de referência local, como historiadores, professores e pesquisadores que foram indicados pelo exímio trabalho.

A segunda fase foi a experiência em si, a viagem por todas as cidades-gêmeas e a aplicação das entrevistas. Nessa fase foram utilizados gravadores de voz, câmeras

fotográficas para o registro de fotos das entrevistas e também alguns trechos de vídeos, o roteiro de perguntas tanto em português como em espanhol, assim como o termo de consentimento (carta de aprovação do entrevistado que concedeu a entrevista de forma voluntária e de acordo com as normas éticas).

Por fim, a fase de análise, que compreende o retorno, a transcrição e estudo cartográfico das entrevistas. O momento de ouvir novamente cada entrevista rememora as expressões de fala e as sensações promovidas em cada encontro. No entanto, no processo de transcrição a fala ganha outro corpo, mais denso e ramificado por outros agenciamentos. Percebe-se detalhes e peculiaridades que no ato da entrevista não foi notado, mas que agora com um ouvido mais aguçado chama a atenção.

E, nesse processo de análise da entrevista novos agenciamentos despertaram, por exemplo: a tentativa deste ensaio de refletir a potência do nosso corpo-mulher-cartógrafa na experiência como entrevistadora; de observar não só a fala, mas o lugar de fala de mulheres brancas e negras e, reconhecer o discurso enquanto desejo e poder – agenciando com o pensamento foucaultiano. A partir do chamado da temática “mulheres e lugares de fala” buscamos percorrer a narrativa das duas experiências principais: da entrevista agendada e da entrevista ao acaso, ambas ancoradas pela experiência do corpo-mulher pesquisadora.

### **Experiência da entrevista agendada**

Por que fazer pesquisa? A experiência descrita a partir do corpo pesquisador busca apresentar esta questão como uma pulsão, a fim de reafirmar os objetivos que nos levaram até a fronteira. Pulsão que também fomenta o pensamento sobre os processos que compõem o ato de pesquisar. Afinal o que nos leva de uma episteme a outra na produção do conhecimento? Ou ainda, como podemos romper certas epistemes diante desse movimento que acontece junto às teorias da filosofia da diferença?

Epistemologia é a ciência da produção de conhecimento, dada a partir da definição dos temas, dos paradigmas e dos métodos atribuídos para tal. Sendo assim, determina o que, como, e também quem produz a episteme, ou seja, o conhecimento verdadeiro (RIBEIRO, 2017). Por isso, é necessário pontuar a importância de estudar a fronteira, vista pela heterogeneidade, a partir do método cartográfico, mais especificamente pelo procedimento da entrevista de manejo cartográfico. Através da experiência de percorrer o território de fronteira e da subjetividade, que constitui as pesquisadoras. No entanto, a corporalidade embora não neutralizada no processo de produção do conhecimento abordado, nem sempre é evidenciada e descrita como faremos neste ensaio.

A entrevista agendada, por mais que se tenha uma programação de horários e a definição do entrevistado, também guarda eventos inesperados. Talvez, uma das entrevistas mais impactantes, tenha sido com um prefeito de uma das cidades-gêmeas do lado brasileiro. O primeiro contato, por telefone, para marcar dia/horário/local se estendeu por mais de meia hora. Com certo tom dramático na voz, o prefeito perguntava a finalidade da entrevista e quais perguntas seriam feitas, porém, não querendo antecipar o processo da entrevista, nossa resposta foi sucinta e genérica, demonstrando somente a contribuição para a produção acadêmica e científica. Logo depois, ainda na chamada, o prefeito iniciou quase um monólogo de frases e estórias de todos os benefícios que realizara para cidade. A palavra asfalto se repetia de forma enfática em quase todas as frases. Enfim, ele pediu permissão para que outras pessoas compusessem a entrevista, visto que neste dia estaria muito atarefado. E assim, terminara a conversa de forma repentina.

Na manhã de um dia nublado e frio de uma quinta-feira, 31 de agosto, chegávamos ao prédio da prefeitura como combinado. “Só tenha os filhos que puder criar”. Dizia um pequeno cartaz, visto da fachada, que estava colado no vidro da sala que mais tarde iríamos adentrar. Pequeno, devido a sua proporção diante da imponente arquitetura do prédio, e também, visto a falta de humanidade revelada. Do lado de dentro, aguardamos sentadas numa fileira de cadeiras dispostas em duas linhas paralelas, condição que coloca os sujeitos à espera, de modo desarticulado com os demais presentes. Naquela posição só cruzam os olhares que desviam, como o das pesquisadoras curiosas. Éramos muitos naquela condição de espera, todos aguardando por um momento com a autoridade máxima daquele lugar. Todos com certa urgência, revelada pelos celulares barulhentos. Com exceção de uma menina, talvez uma mulher infantilizada, ou seja, sem voz própria, que também notou a nossa presença. Ela segurava um papel, possivelmente seu currículo impresso. Quando chegou a sua vez, entrou acompanhada de um homem, que provavelmente intercedeu por ela, solicitando a vaga para um emprego. Também na sala de espera haviam duas secretárias trabalhando, uma mais jovem, de quem foi cobrado incisivamente um tchau, que pareceu desrespeitoso, de um dos homens apressados, que naquele instante já estava de saída.

Antes de iniciar de fato a entrevista agendada, a pesquisa cartográfica, que se concentra nos detalhes, na espera e à espreita dos fatos, que não busca fazer uma análise neutra ou imparcial, já havia disparado. Talvez desde a mensagem do cartaz, que desde o lado de fora já podia dizer muito do que seria encontrado lá dentro. Essa construção do conhecimento, geralmente não é bem aceita na academia, as vezes é desviada no âmbito de uma simples opinião, devido ao julgamento de não ser objetiva e racional. Resistimos. Também por permanecer ali, por mais um bom tempo de espera, mesmo sabendo que não encontraríamos tão fácil um espaço para o diálogo. Buscamos então, exercitar a habilidade de escutar. Porém, dispostas a escutar não só o que eles gostariam que escutássemos, mas sim as vozes abafadas diante daquele contexto. Onde, por exemplo, estava clara a hierarquia social atribuída através do valor do tempo, de quem pode ou deve esperar. Assim como, dos que não podem ou não devem demorar: eram recém 10 horas da manhã e o café da sala já havia terminado, então avisaram a secretária para apressar a mulher responsável, já que o café não pode faltar.

Quando fomos chamadas, adentrando pela porta que de tanto em tanto se abria, nos deparamos com mais um tanto de gente esperando lá dentro. Passamos então para outra sala, cujo layout era organizado por uma robusta mesa de madeira de lei esculpida, parecia servir de escrivaninha, junto dela havia uma cadeira de rodinhas, com as proporções de um trono. Num nível mais a abaixo estavam dispostos dois sofás de couro marrom, um de dois e outro de três lugares. A sala escura e apertada, não oferecia assento para todos os presentes. Depois de um rápido tumulto para definir os lugares, fomos convidadas a sentar no sofá de dois lugares, mas antes a tirar uma foto, pois “não era sempre que apareciam moças bonitas por lá” e, também, porque o assessor de imprensa tinha que atender outros compromissos.

Depois da sessão de fotos e de soletrar nossos nomes, ligamos o nosso gravador e tentamos nos apresentar, mas fomos interrompidas. O prefeito assumiu esse papel, nos apresentou, seguindo pela apresentação dos seus convidados, junto com o apontamento do que eles deveriam nos falar. Isso, depois que ele saísse, frisou assim que tentaram lhe interromper, isso em resposta a sinalização do nosso interesse por determinado assunto anunciado. Devidamente introduzidos para realizar a entrevista o prefeito se despediu, no entanto, as hierarquias se mantiveram, agora quem assumia o posto principal era um secretário, que deteve para si o discurso. Tal espaço, foi

disputado durante todo tempo, e quando conquistado, por qualquer um naquela sala, foi interrompido. Nesta experiência foram raros os momentos de diálogos, devido a falta da habilidade de escuta dos presentes. Isto, seria fruto da recorrência dos discursos políticos, inspirados nos sermões religiosos, na missão ou desejo de proferir verdades inquestionáveis? Até mesmo a pergunta lançada: “Por que vocês pesquisam?” Não pode ser respondida, ou melhor, não pode ser dialogada. Talvez não naquele instante, mas de algum modo estejamos fazendo isso agora. Refletindo e reafirmando porque pesquisamos, o que pesquisamos, como pesquisamos, e quem somos nós pesquisadoras.

O gosto e certa irreverência do secretário ao querer dominar o discurso, tomar a fala sempre para si, uma vez que sua voz era a mais grave e alta, faz alusão ao desejo e poder envolvidos no discurso, como refletido por Foucault:

“O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder. E com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso – a psicanálise mostrou-o –, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e porque – a isso a história desde sempre o ensinou – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 2012, p. 03).

Com a saída do prefeito e ocupando a cadeira mais alta, o secretário utilizava do discurso como sua ferramenta de poder, talvez não tivesse tantos momentos de fala e viu naquela entrevista a oportunidade de se sobressair e dizer dos entraves que enfrentava em uma cidade de fronteira. Um discurso um tanto pessimista e egocêntrico que se perdeu do eixo da conversa e criou novas perguntas, mas não havia interesse para ouvir as respostas. O corpo-mulher submetido ao apelo de um outro cartaz da porta de entrada – “por favor, objetividade e seriedade” – escutava e percebia, por vezes, certo tom de ironia em alguns comentários.

Cenário muito diferente de outra experiência anterior, quando entrevistávamos uma mulher, arquiteta, de outra cidade-gêmea brasileira. Distinto desde o agendamento, que foi realizado por mensagem de celular, através de frases curtas e respostas rápidas, que demonstravam interesse e alegria por poder participar da entrevista. Fim da manhã do dia 25 de agosto, sol entre nuvens com sensação fria propiciada por um vento gelado. A entrevista aconteceu em um café do lado uruguaio, escolha da entrevistada, por ser um lugar agradável, de fácil acesso e sem muito movimento. Com um café quente aguardamos alguns minutos em uma mesa lateral. A arquiteta não demorou muito e chegou animada para a conversa.

Em uma fala muito acolhedora, pausada e rica em detalhes tecia um discurso quase aveludado, macio. Todas as respostas eram formuladas mediante a uma experiência profissional ou pessoal, narrava como uma obra de Machado de Assis, cheia de mistérios e enfatizando cada personagem. Denunciava os problemas graves da cidade de fronteira com a mesma veemência que apontava para as melhorias e avanços alcançados. A fala sempre precedida de muitos gestos, ora movimentos com a xícara de café, ora movimentos com a caneta que riscava o mapa.

Quase não precisávamos perguntar, pois de um assunto emendava outro em um raciocínio contínuo. No decorrer de uma fala com argumentos técnicos costurava-se um caso pessoal, como a babá da filha e as viagens da mãe. Mas, no fim de

cada sentença havia uma conexão muito forte com o fato de ser mulher, filha, mãe e arquiteta da prefeitura. Quando questionávamos sobre o ato de atravessar de um país para outro a resposta sempre estava amparada com exemplos rotineiros: “Passar para o lado uruguaio a gente só vai, sabe. Se torna natural, sabe. Tem atividades, por exemplo, a minha filha faz balé. Faz balé onde? No lado uruguaio, inclusive, é aqui dobrando, né”. O vício de linguagem como o “sabe” demonstra a leveza da fala, sem compromisso ou preocupação com o rebuscamento, torna-se um diálogo mais sincero e honesto. As perguntas inseridas na afirmativa refletem uma característica peculiar do modo de se expressar que permeia toda entrevista. A própria indicação do local de onde se fala é apontado tanto no discurso como gestualmente, adquirindo assim um dinamismo para a conversa.

Ao retomar esses relatos e vivências da entrevista queremos discutir a questão conceitual do lugar de fala. Esse lugar extrapola as ambiências arquitetônicas que foram descritas, embora a configuração dos locais, uma sala sufocante em contraposição a uma mesa de café acolhedora, também revelem muito do que pode ser dito. O lugar de fala, ainda está além de uma experiência individual específica, pois quer alcançar uma discussão do lugar social, da identificação do poder dentro da estrutura de uma sociedade racista, do falocentrismo e da heteronormatividade, onde é preciso se posicionar mediante ao reconhecimento do seu lugar de fala, desmistificando assim qualquer universalidade (RIBEIRO, 2017). E, pensando neste viés, observamos que a maioria das entrevistas agendadas aconteceu com homens, brancos, ocupantes de cargos de poder dentro das cidades.

A intenção da pesquisa com as entrevistas agendadas era justamente conhecer e entrevistar tanto os gestores políticos (prefeitos, vice-prefeitos, secretários) quanto os técnicos responsáveis pela questão urbana (arquitetos e engenheiros) para registrar a opinião e posicionamento frente às cidades de fronteira, uma vez que são responsáveis por inúmeras transformações no contexto urbano. No entanto, sem nenhuma surpresa, a maioria dos responsáveis eram homens e brancos. Das 17 entrevistas realizadas, 14 correspondiam a este estereótipo e falavam do seu lugar social privilegiado, mas muitas vezes sem o reconhecer. Se formos analisar somente os prefeitos/alcaldes dessas 12 cidades, 11 são homens, somente no Chuy é uma alcaldesa, mulher. E dentre os 12 prefeitos/alcaldes somente um é negro.

Esta pequena amostra das pessoas que ocupam lugares de poder reflete o panorama da desigualdade social, de gênero e racial. E, quando se trata de cargos políticos logo pensamos em representatividade, o que é o porta-voz e representa um todo social. Então, questiona-se como a maioria – minorizada – se enxerga dentro desses discursos. Novamente, a filósofa Djamila Ribeiro (2017), pontua que a representatividade, embora tenha correlação com o lugar de fala não significam a mesma coisa. A autora explica que é possível uma mulher branca pronunciar sobre uma mulher negra, desde que reconheça o seu lugar de fala privilegiado, do histórico de branquitude. Dessa forma, esta mulher branca entende o lugar de fala como um dosador, que limita até onde ela consegue falar e até onde ela deve ouvir as experiências de vida da própria mulher negra.

Em geral, esses homens brancos não representam as minorias sociais, porém se eles pensassem a partir do lugar de fala que ocupam, eles poderiam ter um posicionamento muito mais crítico, ético e de responsabilidade social. Ao reconhecer os privilégios e ouvir os outros lugares de fala a contribuição social seria muito mais eficaz. De maneira análoga, a representatividade é um fator muito importante, no qual mais mulheres, negros e negras possam ocupar cargos de poder e fazer do discurso um instrumento de luta e mudanças. Porém, a representatividade precisa ser, também, qualificada e ciente do lugar de fala, para então dialogar de forma coerente. Joice

Berth, em uma entrevista para o Jornal Nexo em 2017<sup>3</sup>, afirmava: “representatividade importa, mas a qualidade dessa representatividade também importa”, enfatizando que todos precisam ter consciência da sua realidade social, racial e de gênero.

### Experiência da entrevista ao acaso

A entrevista ao acaso tem uma relação muito próxima ao conceito e técnica da collage, um dos tipos de linguagem que passa pelas fases do recorte, da figura, dos encontros e da cola oferecendo uma outra forma de comunicação, muito sensível e hospitaleira. Assim como na entrevista ao acaso, na escolha e seleção de quem entrevistar, do encontro e aceitação dos corpos para uma conversa e, por fim, o registro da fala pelo gravador e mesmo algumas fotografias e filmagens que eternizam aquele acontecimento.

A collage é um processo do auto reconhecimento, a escolha de cada fragmento, o recorte, os encontros e a cola nos dizem muito sobre o que nós somos e pensamos. Ativador da subjetividade retrata nossos medos e desejos mais profundos. Característica equivalente a escolha do entrevistado, que também diz muito sobre nós mesmos. Por que escolhemos mais as mulheres e não os homens? Por que preferimos o coletivo de pessoas ante as solitárias? Ou, por que escolhemos entrevistar quem está no banco da praça e não na calçada? Neste momento é o corpo-mulher que se coloca como ferramenta de pesquisa, a sua carga histórica influencia muito nas escolhas. Percebe-se que na collage, Fernando Fuão (2011), desmistifica a ilusão de que nós somos os protagonistas ao escolher cada figura – esclarecendo que na verdade há uma troca em que as figuras também nos selecionam –, na prática da entrevista ao acaso este fato também se aplica. Ao mesmo tempo que escolhemos somos escolhidos, muitos foram os entrevistados que com uma troca de olhares curiosos, ou demonstrando disponibilidade se apresentaram – ou quase se ofereceram – para que houvesse o diálogo.

A importância da collage está no processo e não no produto. Tanto é que não existe nenhum troféu ou nenhuma recompensa para o feito, fica a reflexão. Aquela collage pode não significar nada para outra pessoa, e mesmo para o autor da obra pode já ter perdido o encanto. No entanto, acendeu a faísca e deixou uma marca na armadura que carregamos (FUÃO, 2011). E, mais uma vez, a entrevista ao acaso se assemelha a este processo da collage, pois a potência está no ato da entrevista. Naquele momento e duração os corpos se afetaram de tal maneira a deixar rastros inscritos na própria pele. Por mais que a gravação salve a voz e a imagem capte a gestualidade, nunca será igual a sensação daquele instante. Porém, fica marcado, algumas entrevistas mais outras menos, preenchem nosso corpo e nos desterritorializam momentaneamente. Somente agora, reterritorializadas, que conseguimos refletir e escrever sobre estas experiências.

A tentativa da entrevista de manejo cartográfico mais rápida que aconteceu ao longo de todos os territórios da fronteira, talvez tenha sido uma das experiências mais duradouras. Pois ainda reflete em inúmeras questões complexas, na memória daquele cenário desconfortável, principalmente por pertencer a um imaginário desconhecido. Era quarta-feira, 29 de agosto, de uma manhã nublada, quando encontramos duas mulheres sentadas num banco da Praça Internacional, em meio a conurbação de

<sup>3</sup> Jornal Nexos disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%BAblico>>. Acesso realizado em 02 de outubro de 2018.

Santana do Livramento e Rivera.

Após percorrer aquele espaço onde até os bancos falavam, figura 1, mas sem encontrar muitas pessoas para entrevistar, algumas de passagem e alguns homens que estavam por lá, nos sentimos mais seguras em iniciar uma conversa com aquelas mulheres.

Nos apresentamos e em seguida perguntamos se poderíamos conversar sobre algumas questões de como era estar naquele lugar de fronteira. A mulher negra disse que a outra deveria falar, pois estava a mais tempo ocupando aquele território, no mesmo momento a mulher branca indicada, disse que não saberia do que falar, que era melhor a sua companheira responder. Intervimos dizendo que as duas poderiam falar, como e quando se sentissem à vontade. Então, assumindo o papel de fala a



Figura 1: Praça Internacional. Fonte: Acervo da pesquisa, 2018.

mulher negra nos disse que já tinha percorrido muitos lugares, falou desses e dos lugares onde se encontram seus filhos e disse que assim como ela os filhos tinham cara de gringo, ela afirmou repetidas vezes ser uma negra com traços europeus e que isso favorecia para que ela pudesse estar onde quisesse, e que estava bem morando ali na fronteira. Perguntamos onde residiam, de súbito ela disse que isso não poderia responder. Em seguida, sem conseguir articular muito bem outra questão, ou conduzir a conversa, acabamos não solicitando mais informações. Então, foi ela quem solicitou. Nos pedindo alguma contribuição para que elas pudessem comer.

Será que essa experiência pode ser considerada uma entrevista? Por que a negação de ambas em estarem devidamente preparadas para responder? Por que a resposta dada parece não atender a questão colocada? Por que uma resposta contradiz a outra, quando fala que estava bem morando ali, mas em seguida não pode falar mais sobre? Quais as relações implicadas em dar e receber? A partir destes questionamentos nos deparamos com outros, articulados por Djamila Ribeiro (2017, p.77) que se fazem fundamentais: “Dentro desse processo de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar?” É preferível concordar com um discurso hegemônico, de um bem-estar da vida na fronteira, como modo de sobrevivência, ante as represálias? “E se falamos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar?” Ainda, é possível traçar uma certa compreensão na resposta obtida, a partir de outro questionamento que discute o lugar de fala (Ribeiro, 2017, p.77): “Quando existe algum espaço para falar, por exemplo, para uma travesti negra, é permitido que ela fale sobre Economia, Astrofísica, ou só é permitido que fale sobre temas referentes ao fato de ser uma travesti negra?”. Seria permitido aquela mulher negra nos falar sobre outras questões além da sua aparência e da aparência dos seus filhos? A duração do tempo, as verdades científicas, assim como, a relação dar e receber, foram imensuráveis nessa experiência que segue fomentando o pensamento das pesquisadoras-cartógrafas-viajantes.

Outra experiência da entrevista ao acaso, que reforça a reflexão sobre o lugar de fala da mulher fronteiriça, aconteceu na tarde do dia 24 de agosto, no primeiro dia da viagem. Recém havíamos chegado à fronteira Chuí-Chuy, onde fomos recepcionados com muita chuva, ainda sem muita prática com o método da entrevista de manejo cartográfico, na primeira caminhada pela Avenida Uruguai, do lado brasileiro, e pela Avenida Brasil, do lado uruguaio, não conseguimos abordar ninguém, ou seja, não houve o momento do encontro com alusão ao processo da collage, não escolhemos, nem fomos escolhidos. Então, entramos numa sorveteria uruguaia, cujo sorvete era argentino, devido à época do ano e ao mau tempo não havia muito movimento. Ali iniciamos uma conversa com a atendente e a caixa do estabelecimento, elas nos contaram que por ali passavam pessoas de muitas nacionalidades, visto que o Chuy é uma porta de entrada para as praias uruguaias.

Já no meio da conversa, percebemos que aquela era uma entrevista, então nos apresentamos e pedimos se podíamos ligar o gravador. Naquele instante a conversa perdeu um pouco da espontaneidade inicial, até a moça do caixa timidamente aceitar a proposta e perceber que a entrevista seguiria no mesmo tom de antes. Uma das questões mais fortes desta experiência remete a linguagem, visto que a mulher entrevistada era uma típica doble chapa (dupla nacionalidade), de nacionalidade uruguaia, mas filha de uma brasileira, com quem falava português desde sempre. Quando a pergunta era em português ela respondia naturalmente em português, quando a pergunta era em espanhol ela respondia fluentemente em espanhol. Na sua fala não havia uma mistura, mas a simples troca do idioma. Esse saber, como para Foucault, era notoriamente um poder. Poder, por exemplo, que colocava tal mulher numa função hierarquicamente acima da sua colega, que era de nacionalidade argentina e por isso ainda não tinha tanta habilidade para falar o português, embora

o compreendesse perfeitamente. Poder também, que lhe concede voz e vez de fala, no cotidiano da fronteira.

Dentro de uma estrutura territorial a fronteira está à margem do poder político comumente centralizado, por isso as formas de poder nesse território são outras. E quanto mais na linha, nesse espaço do entre o sujeito puder se habitar, seja no território geográfico ou no território da linguagem, maior parece ser o seu poder. Ante a hegemonia de um lugar de fala, é justamente a heterogeneidade que o compõem. Assim como acontece com a collage, pois concentra mais força no encontro dos diferentes fragmentos ao longo do processo, do que no resultado final. O ato de recortar rompe não só com a figura em uma revista ou jornal, mas quebra dentro de nós vários paradigmas, nos faz refletir sobre a escolha e sobre a renúncia ao deixar aquele espaço vazio, incompleto. O fragmento selecionado agora carrega um pouco do nosso imaginário e se transforma em outro elemento ao se aproximar dos demais fragmentos ou resíduos. O encontro e a experiência com essas mulheres na entrevista ao acaso abalaram nosso pensamento, nos fizeram visitar outros perceptos, porém essas mulheres “recortadas” também saíram da sua zona de conforto ao serem questionadas a refletir sobre sua vivência na fronteira. Esta fresta entre o recorte (escolha da entrevistada) e a cola (registro da voz e gestualidade) pode ser considerada a ebulição do processo, local potente que atinge a fronteira mais sensível do nosso corpo e intelecto coletivo.

### Considerações iniciais

Pesquisar sobre as vozes da fronteira, muitas vezes ocultas no âmbito social, pode representar um ato político. Também um ato de resistência, especialmente quando se parte da reflexão dos lugares de fala e das mulheres. Nós, pesquisadoras, mulheres, brancas, graduadas em arquitetura e urbanismo, estudantes de mestrado, bolsistas da CAPES, com experiência em docência universitária, reconhecemos nosso lugar privilegiado de fala, assim como, o nosso papel de luta. Luta, diante de um desafio cotidiano da pesquisa em desmistificar a produção do conhecimento, desde a consideração de outros métodos e de outros agentes importantes nessa produção, importante para reconhecer conteúdos e sujeitos ainda distantes do cenário acadêmico. Luta também para dar um retorno compatível com as demandas e realidades, para compartilhar o conhecimento produzido de modo acessível, principalmente através de uma linguagem clara, por vezes, muito diferente da acadêmica.

As contribuições e pistas que a entrevista de manejo cartográfico se dispõe a apreender, a partir da viagem pelos territórios da fronteira entre o Brasil e o Uruguai, remetem a algumas conquistas desse trabalho. Aponta-se para a construção de um processo ético e estético, que desvia de uma perspectiva individual e temporária, de um pesquisador estrangeiro, através do encontro e da captura da experiência de quem vive a fronteira e compõem esse lugar do entre. Reconhecer esse processo como um método científico, que como os mais tradicionais tem pré-estabelecido os seus procedimentos e as suas agendas, mas que também possibilita a criação, pois está aberto ao acaso. A cartografia, ou seja, um mapa, diferentemente do decalque, sempre estará condicionado a invenção.

Poder questionar a recorrência de uma estrutura social falocêntrica, denunciar as experiências constrangedoras e potencializar as vozes das mulheres fronteiriças, também sugere uma conquista desse processo. Principalmente desta escrita que nos motivou a percorrer a experiência com as entrevistas, sob outra perspectiva, diferente da inicial, agora mais atentas e sensíveis a estas questões. Aconteceu ao longo deste ensaio um despertar para uma conscientização de um lugar de fala e de um papel

de luta, importante na construção não só do conhecimento sobre a fronteira, mas principalmente na construção da subjetividade das pesquisadoras.

O desafio de explorar um território de fronteira colocou nossos corpos sempre nesta condição do entre, nesta espessura de indeterminações, em que atravessamos e fomos atravessados por experiências singulares. Cientes da impossibilidade de abraçar a totalidade dos eventos contemporâneos neste território, olhamos para as microrressitências, para as vozes que ainda ecoam com tanta força, mesmo após a entrevista.

Uma outra pista que percebemos neste processo de reconhecer as vozes à margem, na superfície de contato do corpo-mulher, está no fato da própria escrita traçar uma linha de fuga, de “fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano (...) Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (DELEUZE, 1998, p. 30). Ou seja, só rompendo com esta estrutura enrijecida do poder, com os inúmeros paradigmas sociais, que conseguimos traçar outras linhas que revelam uma nova percepção das cidades-gêmeas de fronteira. Assumimos uma postura ética ao desenhar uma cartografia composta por linhas de palavras e expressões das vozes fronteiriças, desprendidos das raízes arborescentes de um histórico social excludente. Nesta escrita, também traçamos outras linhas que rompem com a rigidez acadêmica da metodologia científica. A cartografia urbana pode ser vista como esse furo no cano que rompe com as normas linguísticas e formais, para dar espaço a potencialidade do que está do lado “avesso” ou de “fora” da padronização e homogeneização dos métodos.

O fato de fugir possibilita a abertura para agenciamentos múltiplos. Nesta escrita aproximamos a arquitetura e o urbanismo, a filosofia, a cartografia, a entrevista, a técnica da collage, o lugar de fala, o corpo-mulher e apreendemos um pouco mais sobre este universo complexo e heterogêneo que é a fronteira. Por isso chamamos o subtítulo de considerações iniciais, pensando em propostas e provocações para outras linhas fugidias.

### Agradecimentos

A Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo financiamento ao projeto “Travessias na linha de Fronteira Brasil-Uruguay: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”.

### Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G. e PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FUÃO, Fernando de Freitas. A collage como trajetória amorosa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografia do Desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Cristian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 92-127.

TETAMANTI, Juan Manuel Diez. Cartografía Social Teoría y Método: Estrategias para uma eficaz transformación comunitaria. Buenos Aires: Biblos, 2018.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, Eduardo; AZEVEDO, Laura Novo de; ALLEMAND, Débora Souto; HYPOLITO, Bárbara de Bárbara; TOMIELLO, Fernanda. Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK. Pelotas: UFPel, 2016.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.